



Programa Educacional "Agronegócio na Escola"



Empresas de portas abertas para a comunidade

O segundo semestre concentra as visitas dos alunos do Programa Educacional "Agronegócio na Escola". É hora de contextualizar o que já foi aprendido em sala de aula, de ver o que os professores já viram durante sua capacitação. Tentar enxergar os conceitos que estão nos livros no dia-a-dia das empresas do agronegócio na região de Ribeirão Preto e mais, compreender sua importância para a comunidade.

Foi assim com os alunos de Altinópolis, da EMEI Padre Geraldo Trossel, durante a visita à Usina Batatais, que fica na cidade com o mesmo nome a quase 50 quilômetros de distância. A viagem já foi uma novidade, um acontecimento. Na estrada, uma paisagem que mistura montanhas de café e áreas mais planas de cana-de-açúcar, uma clara representação da diversidade agrícola da região. Quando chegaram à usina, os 42 alunos do 9º ano foram recepcionados com um vídeo institucional que apresentou o setor sucroenergético, informações das tecnologias utilizadas nas atividades do campo e da indústria, os cuidados ambientais adotados, o processo produtivo e os empregos por ele gerados (quase dois mil), além do trabalho social desenvolvido com a comunidade e os funcionários. Enfim, uma mostra prá-

tica do conceito de sustentabilidade: o equilíbrio entre o econômico, o social e o ambiental. Na conversa com os alunos que se seguiu, alguns contaram sobre o vínculo profissional de pais e parentes com a usina. Ana Colósio, orgulhosa, relatou a trajetória do pai: de cortador de cana a operador de colhedora, conquistando um salário maior e uma qualidade de vida melhor. Uma realidade possível devido aos cursos e treinamentos proporcionados pela usina.

Na visita à unidade industrial, os alunos conheceram o processo de fabricação do etanol e do açúcar, no qual o vapor é transformado em energia elétrica para fazer os equipamentos funcionarem. Uma informação que os livros didáticos normalmente não mostram. Só mesmo saindo das salas de aula para entender como funciona.

Ciente dessa deficiência de informações a Usina Batatais decidiu dar sua colaboração pedagógica: além de abrir suas portas para receber os alunos do "Agronegócio na Escola", a empresa distribuiu uma cartilha sobre sustentabilidade, mostrando como é possível impulsionar o progresso nas regiões onde atua e ao mesmo tempo preservar os recursos naturais e minimizar os impactos.

Para a empresa, que recebe cerca de oitocentos visitantes todos os anos, o programa de visitas da ABAG/RP, que acontece desde 2004, foi um impulso para sua interação com a comunidade.

Outros programas vieram nessa esteira, como a Visita da Família, voltada para os colaboradores; a visita entre as áreas, na qual os quase dois mil funcionários conhecem setores diferentes; e a visita exclusiva para filhos, uma tentativa de conquistar mais uma geração para a empresa. Segundo Alessandro Barbeta, analista de desenvolvimento de recursos humanos da usina, os programas de visitas são a melhor forma de valorizar e fidelizar a comunidade e os funcionários. É a oportunidade de demonstrar o verdadeiro trabalho desenvolvido ali dentro. A tendência é aumentar a número de visitas, tanto que novos instrutores estão em treinamento para melhor receber os interessados em conhecer uma usina de cana-de-açúcar. Foi se o tempo em que as usinas se fechavam, trabalhavam quietas e distantes.

Abrir suas portas é uma maneira de disponibilizar informações que antes costumavam ser disseminadas de forma equivocada em função do desconhecimento sobre o setor.



Visita de alunos
à Usina Batatais



Visitas à Citrovita, em Araras, e à Embrapa Pecuária Sudeste, em São Carlos



CICLO DE PALE

V Prêmio ABAG/RP de Jornalismo Um verdadeiro tour pelo maio

Nos dias 16, 17 e 18 de agosto aconteceu a terceira e última fase da parte prática do V Prêmio ABAG/RP de Jornalismo José Hamilton Ribeiro, o Ciclo de Palestras e Visitas, no qual os estudantes de jornalismo e jornalistas profissionais visitaram três importantes cadeias produtivas do agronegócio paulista: café, cana-de-açúcar e laranja; conheceram duas unidades de pesquisa da Embrapa em São Carlos: Pecuária Sudeste e Instrumentação Agropecuária; e assistiram apresentações exclusivas, didáticas e atuais de palestrantes qualificados, especialistas em suas áreas.

O Ciclo de Palestras e Visitas do Prêmio ABAG/RP de Jornalismo é “pé na estrada”. Durante três dias o grupo fechou sua agenda e rodou pelo interior do Estado de São Paulo com um único compromisso: ver de perto o setor que impulsiona a economia paulista e brasileira.

No primeiro dia, um palestrante que muitos dos estudantes de jornalismo já conheciam pelas entrevistas concedidas às principais redes de TV, jornais e rádios do país: o presidente executivo da CitrusBR, Christian Lohbauer, que preparou uma minuciosa apresentação sobre o setor citrícola brasileiro, o maior do mundo. Os caminhos da cadeia produtiva, o mercado mundial de suco de laranja e a atual crise por excesso de produção foram os assuntos da manhã. Depois da palestra, a visita à fábrica da Citrovita em Araras mostrou a complexidade do processo industrial e a qualidade do produto brasileiro, além da eficiência da logística desse setor que consegue, com terminais e navios próprios,

colocar o produto brasileiro no mercado exterior em diversos países.

Em seguida, na cidade de São Carlos, os participantes puderam experimentar um verdadeiro dia de campo. Na Fazenda Canchim, sede da Embrapa Pecuária Sudeste, a pesquisadora Patrícia Anção preparou pequenas estações de conhecimento para mostrar o trabalho desenvolvido em todo o país na Rede Pecuária Sustentável, que se dedica a um tema delicado: o efeito estufa e a pecuária. Segundo ela, a desinformação chegou a levar ao pânico e até a rejeição da carne bovina. Por isso, fez questão de fazer uma apresentação didática e prática aos futuros formadores de opinião.

Ainda em São Carlos, na Embrapa Instrumentação Agropecuária, o tema foi comunicação e a importância da Embrapa para o agronegócio brasileiro. Como fazer com que as pesquisas que colocaram o país em lugar de destaque na geração de energia, fibras e alimentos sejam percebidas e valorizadas pela sociedade. Os estudantes perceberam a importância da comunicação para o setor e as possibilidades que oferece aos futuros jornalistas.

Cento e oitenta quilômetros depois, uma noite de sono para mais um dia de Ciclo, desta vez dedicado ao café. Na sede da Cocapec, Cooperativa dos Cafeicultores e Agropecuaristas, em Franca, uma boa prosa sobre o mercado de café e sobre o Cooperativismo. O presidente da Organização das Cooperativas de São Paulo, Edvaldo Del Grande, falou aos jovens sobre o cooperativismo e sua doutrina, que por ser um exemplo de in-

clusão social e econômica, foi homenageado pela ONU, Organização das Nações Unidas, que declarou o ano de 2012 como o ano internacional do Cooperativismo. Anselmo de Paula, gerente de café da Cooperativa falou do mercado mundial de café e mostrou na prática como ocorre o processo depois das fazendas. A novidade foi mostrar o começo do fim das velhas sacas de café, um símbolo que marcou a economia rural brasileira, o ramo de café nos sacos de rafia. Os big bags irão substituir as sacas e os “chapas” que as carregam. Estocadas em armazéns dotados de sistemas RFID, *Radio-Frequency Identification*, que identifica os lotes de forma automática através de sinais de rádio, o que facilita a rastreabilidade e o controle do produto. Mas a tradicional maneira manual, ou melhor, oral, dos experientes degustadores de testar a qualidade do café continua a encantar.

Do pós-porteira para o dentro da porteira: na cidade de Cristais Paulista, os cafezais da Fazenda Bom Jesus, do Grupo Labareda, levaram os jovens a uma viagem no tempo, época do domínio da cultura no interior de São Paulo. Não fossem as colhedoras de café e os equipamentos de processamento e classificação eles poderiam se sentir no início do século ao ver o elevador de lavagem e o grande terreiro para secagem dos grãos. Outro diferencial da fazenda que ilustra a moderna cafeicultura brasileira é a certificação *Rainforest Alliance*, que comprova as boas práticas sociais e trabalhistas e abre portas para que o café gourmet ali produzido seja vendido para os mercados mais exigentes.

No Ciclo de Palestras e Visitas do Prêmio



Visitas à Cocapec, em Franca, e à Fazenda Bom Jesus, em Cristais Paulista



STRAS E VISITAS

lismo José Hamilton Ribeiro r setor da economia brasileira

ABAG/RP de Jornalismo o dia não acaba com o por do sol, as atividades continuam mesmo na hora da confraternização. A noite da sexta-feira foi coroada pela presença do professor da FEA-RP/USP, Marcos Fava Neves, um renomado articulista de diversos jornais e revistas do Brasil, que falou sobre a “Agricultura” brasileira. Acostumado ao trato com os jovens, Marcos mostrou porque o Brasil precisa sair do “bairro” e jogar o “jogo mundial”. Com números e fatos que demonstraram a grande virada do Brasil em 20 anos, mostrou que não é vergonha ser “um grande vendedor de açúcar e um grande comprador de iPad”, isto é falta de informação, disse ele: “as pessoas não consideram o grande conteúdo tecnológico do agro e a renda que ele gera e que possibilitou e possibilita o grande salto social que o Brasil ostenta”.

No sábado, último dia de atividades, o convidado saiu de São Paulo para conversar com os jovens sobre a bioenergia. Tarcilo Rodrigues, da Bioagência, que também tem presença constante no noticiário por sua expertise sobre biocombustíveis, falou sobre esse tema muito debatido nos veículos de comunicação, mas pouco compreendido entre os leigos. Começou explicando que a questão do etanol deve ser entendida com a visão dos mercados de petróleo e de automóvel. Didaticamente apontou as confusões da política energética brasileira que tem visado o controle da inflação ao vender gasolina a um preço menor do que compra, e deixado à mingua o maior e mais eficiente produto destinado à substituição dos combustíveis fósseis, o etanol de cana-de-açúcar.

Para encerrar, nada melhor do que conhecer a maior usina de açúcar e etanol do Brasil, a São Martinho, em Pradópolis. Campo e unidade industrial foram visitados, já sob um olhar diferente dos futuros jornalistas e até dos jornalistas profissionais, que com as informações recebidas durante os três dias de Ciclo puderam compreender melhor a cadeia produtiva sucroenergética, com sua complexidade e peculiaridades.

Foram sete dias de atividades oferecidas neste ano de 2012 aos participantes do V Prêmio ABAG/RP de Jornalismo José Hamilton Ribeiro. Além dos três dias de Ciclo, teve a visita guiada à Agrishow, o Seminário Agronegócio e Sustentabilidade, o Tour Ciência Universitário e o Congresso Brasileiro de Agronegócio. A obrigatoriedade era de participar de pelo menos três dias de atividades, mas alguns inscritos participaram de todas. Ao total, foram quase 300 participações nas quase 60 horas de atividades. Uma programação intensa, um esforço sem tamanho, e, ao final, comentários que fizeram valer a pena tanto para os participantes quanto para a Associação.

Maíra Brandão, estudante do último ano de jornalismo na Universidade Metodista de São Bernardo do Campo, quer participar no ano que vem como profissional. Disse que a leitura sobre o tema nos jornais e revista será diferente daqui para frente: “muitas coisas que eu lia nas editorias de economia, de sustentabilidade ou de ciência e tecnologia não entendia direito, até tentava, mas faltava subsídio, agora não”.

Ricardo Coslove, da Unesp de Bauri, foi

mais direto: “minha percepção sobre o setor mudou, pois muito do que se lê na mídia não condiz com a realidade. O setor não é o vilão que destrói o meio ambiente e não pensa no país, minha visão era esta construída pela mídia e mudou bastante. Vejo claramente a nossa responsabilidade com a informação não se pode deixar a impressão vir antes da realidade”.

Rafael Conti, do SebCoc de Ribeirão Preto, achou importante participar pois nas faculdades o aluno é preparado para atuar nas editorias clássicas como economia, cultura, esportes e não se aprofundam em setores. “Foi um curso intensivo de agronegócio. Mesmo que eu não vá seguir na área posso usar este conhecimento para qualquer outra área pois percebi que tudo está ligado a ele”.

Diego Moura, do Mackenzie de São Paulo, enxergou uma carreira a ser perseguida com oportunidades maiores do que em outras editorias. Já Cláudia Ascensão, da Unimep de Piracicaba, visualizou no setor o tema global da sustentabilidade, percebeu o equilíbrio entre o econômico, o social e o ambiental e disse: “o Prêmio e suas atividades não são válidos apenas para jornalistas, profissionais de outras áreas deveriam ter esta oportunidade”.

Agora é esperar pela inscrição das matérias cujo prazo se estende até o dia 29 de outubro. Tanto para a categoria Jovem Talento, quanto para a profissional, o desafio de todos é publicar matérias que se destaquem por sua contribuição para o melhor entendimento do tema agronegócio; pela capacidade de tradução dos fatos para o público; e por contribuir para o desenvolvimento do país.

Agrishow como vitrine da Integração Lavoura, Pecuária e Floresta

Colocar na vitrine o modelo de produção de integração Lavoura, Pecuária e Floresta, iLPF. Disseminar o conhecimento sobre o tema para o maior número de produtores. A proposta foi do pesquisador da Embrapa Gado de Corte, Armindo Neico Kichel, durante o XXIV Fórum ABAG, realizado em parceria com a Coopercitrus, que reuniu em Bebedouro, SP, cerca de 600 pessoas.

Armindo sugeriu que a vitrine seja a Agrishow, em Ribeirão Preto. Que sua dinâmica acrescente uma unidade de referência tecnológica do iLPF, para que, como aconteceu com o plantio direto, seja possível apresentá-lo ao maior número possível de pessoas, e, por ser um modelo perene, que a área sirva, durante o ano todo, como protótipo para transferência de tecnologia e conhecimento.

Essa transferência de conhecimento sobre o tema é o que a ABAG vem tentando fazer através de seu Fórum "Integração Lavoura, Pecuária e Floresta", realizado pela segunda vez dentro de uma cooperativa, para fomentar a discussão sobre este sistema produtivo desenvolvido pela Embrapa e o setor privado. O debate sobre as potencialidades do cultivo consorciado de grãos, carne, fibras e madeira, que contempla a adequação ambiental, a valorização das pessoas e viabilidade econômica da propriedade rural, é, segundo a ABAG, a melhor maneira de abordar o tema ainda pouco conhecido pelo produtor brasileiro.

Em Bebedouro, os quatro palestrantes mostraram as vantagens e os



Fórum ABAG/Coopercitrus iLPT em Bebedouro



desafios impostos pelo modelo. Para o pesquisador da Embrapa, o iLPF é mais uma das revoluções da agricultura, capaz de integrar todos os sistemas de produção em áreas degradadas ou inadequadas, e resultar em números surpreendentes, como aumentar em 62% a produção de carne, em 40% a de grãos, em 185% a produção de madeira, elevar a renda do produtor rural, e ainda diminuir a emissão de gases do efeito estufa.

As possibilidades de integração são diversas, mas é preciso um diagnóstico preciso da propriedade, começar por pequenas áreas e, principalmente, ter pessoas capacitadas para orientar o produtor, disse o pesquisador da Embrapa.

Segundo José Assunção Demarch, da Secretaria Estadual da Agricultura de São Paulo, cerca de 5 mil hectares de terra já utilizam o iLPF no Estado. Mas existe ainda uma fronteira agrícola a ser explorada: são cerca de 1,5 milhão hectares com pastagens degradadas, 1 milhão de hectares que serão liberados pela cana-de-açúcar ao final de

sua mecanização e mais 4,5 milhões de hectares com terras passíveis de intensificação de uso. O começo é a capacitação dos técnicos para o trabalho, o que a SAA já começa a fazer em outubro com 25 multiplicadores, para que em 2013 sejam 125, e assim por diante. É tudo novo, para pesquisadores e extensionistas.

Para a Coopercitrus, o iLPF pode ser a solução de problemas para seus cooperados em áreas de pastos degradados ou mesmo de conversão da área de

laranja. Segundo Agostinho Boggio, a cooperativa quer participar da capacitação com seus técnicos e ajudar a difundir o modelo.

Financiamento existe. Foi o que disse no evento Álvaro Tosetto, gerente executivo da Diretoria de Agronegócio do Banco do Brasil. O Programa ABC, Agricultura de Baixo Carbono, segundo ele, tem R\$ 1,5 bilhão à disposição nesta safra. Mas ainda há pouca procura por esse recurso em função da falta de informação.

É essa informação que o vice-presidente da ABAG, Francisco Matturro, quer ver chegar ao produtor rural e por isso gostou da sugestão do pesquisador da Embrapa de usar a Agrishow como vitrine para o Sistema de Integração Lavoura, Pecuária e Floresta. Matturro diz que gostaria de ver já na próxima Agrishow o iLPF na dinâmica da feira. Como uma das realizadoras, a ABAG vai se empenhar para isso, e mais, quer que a vitrine seja permanente e extrapole os 5 dias de feira para receber ao longo do ano os interessados em conhecer o sistema.